

O mais esperado dos dias

A República celebra cem anos, hoje. Hoje, a Nação vai às urnas reafirmar sua soberania, 29 anos depois do último exercício do voto presidencial — que, malgrada a intenção, deu em renúncia. Que deu em sucessivas improvisações políticas bem ao gosto das nossas elites dirigentes. Que deram num impasse institucional traduzido em duas décadas de regime militar autoritário.

O retrato destes cem anos de República — os últimos quatro cunhados de Nova — não inspira grandes esperanças. O País atravessa uma crise econômica sem precedente, equilibrando-se na corda bamba de uma inflação mensal que já encosta nos 40%. A corda é frágil e despencar significa mergulhar na hiperinflação que reduz a economia a pó. Esse, sem dúvida, é um dos riscos embutidos neste centenário 15 de Novembro. Por isso, ava-

lizar um candidato pelo voto significa apostar também num cenário de cinco anos cruciais que vão instalar o Brasil no limiar do terceiro milênio.

“A primeira regra da República é aquela que trata de sua salvação”, adverte o cientista político Hélio Jaguaribe, autor do ensaio “Alternativas do Brasil”, adepto da tese de encurtamento do mandato de Sarney e correspondente antecipação da posse do presidente eleito. Em entrevista nesta página, Jaguaribe aponta outras anomalias e faz recomendações para o futuro próximo.

Se o retrato desta República centenária não anima, o retrato colhido ontem, véspera do dia da eleição, mostrava um perfil só delineado na sua parte superior. O Brasil vai mostrar sua cara e — até ontem — parte dela estava nublada pela

indecisão. Eram, ainda, estimados 20% dos 82 milhões de brasileiros aptos a votar, cruzando informações e somando prós e contras de dois ou três candidatos, para afinal decidir-se por um. São esses 20 milhões, afinal, que vão determinar o vencedor do segundo lugar, considerando-se que está marcado, para 17 de dezembro, o embate final do qual sairá o presidente eleito.

Entre Leonel Brizola, Luís Inácio Lula da Silva e Mário Covas, o País escolhe hoje o adversário do já classificado Fernando Collor de Mello, do obscuro Partido de Reconstrução Nacional (PRN) que aniquilou os fundadores da Nova República (PMDB/PFL). Collor, hoje, vive um dia de glória, aguardando a revelação do concorrente. E a revelação só virá nas apurações que se iniciam depois das 5 da tarde desta

quarta-feira.

As pesquisas dos diversos institutos refletem esse panorama de indecisão (**veja abaixo**). Regionalmente, o quadro se embaralha mais ainda. Basta analisar as tendências nos três estados numericamente mais representativos. Em Minas Gerais, Collor de Mello deve vencer, beirando os 30%. No Rio de Janeiro, Leonel Brizola vai dar um passeio de 40%, ele que também mostra força no Rio Grande do Sul. Em São Paulo, até ontem, Paulo Maluf liderava as intenções de voto com pouco menos de 30%, mas Mário Covas em impressionante arrancada ameaça vencer. O segundo lugar, como se vê, só a apuração resolve.

Nas próximas oito páginas, o JT apresenta um minucioso retrato deste Brasil eleitoral. Que, por sinal, começou a votar ontem — no

Japão e Austrália, por causa do fuso horário, as cédulas desceram às urnas a partir das 8 da noite, hora brasileira (veja pág. 7). Nas págs. 8 e 9 a agitação em São Paulo, os preparativos para a batalha de boca-de-urna e as providências para as apurações desde Brasília, onde o STF montou um esquema informatizado de contagem de votos.

Nas págs. 10 e 11, um retrato fotográfico desta inesquecível campanha presidencial. O nervoso dia dos candidatos ao segundo lugar está na página 12. Na página 14, um serviço completo esclarece todas as dúvidas para o correto exercício do voto. E, na página 13, um presente para os deputados paulistas: seus salários subiram para NCz\$ 50 mil. Nada a ver com eleições. Tudo a ver com o Brasil que precisa mudar de cara. A partir de hoje.